

NUNO CANAS MENDES PROFESSOR DO ISCSP

“A pandemia veio agudizar a necessidade de conter a China”

A crise pandémica demonstrou a necessidade de conter a preponderância chinesa, diz Nuno Canas Mendes, para quem a covid-19 reforçou o carácter autocrático do regime chinês.

DAVID SANTIAGO
dsantiago@negocios.pt

O professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e presidente do Instituto do Oriente considera que a crise da covid-19 expôs ainda mais a necessidade de o Ocidente conter a China, que tirou partido da pandemia sobretudo pela maior capacidade de resposta.

Na perspectiva de “realpolitik”, a China saiu a ganhar com a pandemia?

Acho que sim e, em certa medida, aproveitou os vazios deixados pela administração Trump. Agora o problema é mais amplo, não se limita a esta oposição, à competição entre a China e os Estados Unidos. Olhamos sempre para a Ásia e tendemos a pensar

só na China, mas não podemos desligar a China dos países mais próximos, da Índia, do Japão, ou dos países do Sudoeste Asiático. Outro lado da questão tem a ver com o projeto que a China lançou (Belt and Road Initiative) e a abordagem aos países do Sul. Ao nível destes países, a diplomacia da máscara, e também a da vacina, foi a prova de que o Ocidente, a União Europeia e os EUA viviam momentos de fragilidade e sem saber como lidar com o problema. Já a China, com poder centralizado, organizado, mostrou maior eficácia e rapidez de resposta.

Xi Jinping tem hoje um nível de poder inaudito, mesmo para os padrões chineses.

Tem mais poder do que os anteriores presidentes, fez aumentar a sua permanência no poder e se já não existia muita liberdade na China, a pouca que existiria ficou ainda mais limitada.

A crise pandémica é um fator relevante para isso?

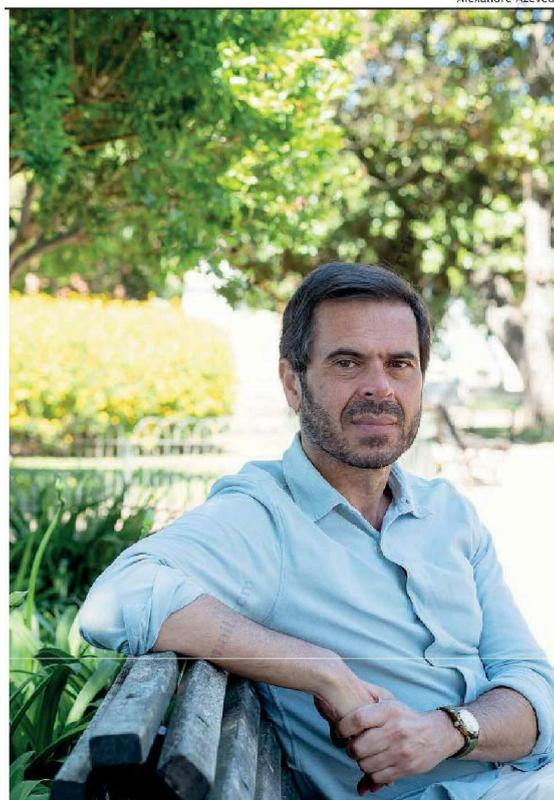
Reforça a autocracia com um argumento de força: temos de reunir todos os esforços para um problema interno, mas que é global, e temos de dar o exemplo da eficiência e da rapidez de resposta.

A ideia de que o novo coronavírus é o “vírus chinês”, como dizia Trump, pode ter algum impacto negativo na imagem externa da China?

Poderá ter e já tem tido. Há um fenómeno muito interessante, um movimento de jovens que funciona nas redes sociais, que já liga vários países. O núcleo original foi a Tailândia, Hong Kong, Taiwan e Myanmar. A ideia é: vamos mobilizar a ideia de democracia, somos contra a China. E o movimento tem crescido porque junta estes dois elementos, luta pela democracia e luta contra a China. É a Milk Tea Alliance, pois são países onde o chá se bebe com leite, ao contrário da China, que se desenvolveu em 2020 e 2021. A ideia de contenção da China, mas uma contenção inserida na luta pela democracia e pelos valores democráticos. Hong Kong, como Macau, tem autonomia administrativa apesar de integrar a China, contudo todos os dias recebemos notícias de que a liberdade é mais reduzida e a imprensa mais controlada. Em Hong Kong, que tinha uma tradição mais livre, o cerco está cada vez mais apertado.

Sinais de estertor da premissa “um país, dois sistemas”?

Todos os dias temos noção, e Hong Kong talvez seja o melhor



Alexandre Azevedo

exemplo, de como a ideia, lançada nos anos 70, de “um país, dois sistemas” está claramente comprometida. Há sinais inquietantes de que essa fórmula está a sofrer transformações que não auguram nada de bom, resultado óbvio do estilo de atuação do Presidente Xi Jinping e do seu poder político.

Que mudanças a crise pandémica trouxe à política externa de Pequim?

A crise veio agudizar uma maior necessidade, por parte dos países do Ocidente, e mesmo de alguns países asiáticos, e em especial dos vizinhos mais próximos, de conter a China. Não é que a China não possa ser contida, que o seu crescimento seja inexorável, porque a China também tem problemas. Mas percebe-se que há uma tentativa de agir de forma concertada face à China.

A pandemia deu força ao internacionalismo do regime, já consagrado na constituição do Partido Comunista Chinês?

A pandemia tornou isso mais vincado. Ninguém sabe bem o que vai acontecer, mas ninguém tem dúvida de que o mundo que conhecemos até 2020 vai sofrer altera-

ções muito significativas em vários campos. Agora de que modo isso se vai refletir na relação entre esses atores... É preciso perceber se a China vai continuar com estas assertividades toda, se isso vai motivar uma resposta mais organizada dos EUA e da União Europeia. É um teste também para a UE e as relações atlânticas, que viveram uma fase de intenso esfriamento.

A pandemia e a eleição de Biden foram a tempestade perfeita para um regresso inequívoco ao multilateralismo?

A pandemia também intensificou a ideia de que há duas abordagens ao tema. Em relação às organizações internacionais, a China diz: “Estamos no sistema, mas queremos influenciá-lo.” Um exemplo foi a Organização Mundial da Saúde, posta em xeque. Alternativamente, e a China explora muito isso, Pequim promove a ideia de que este sistema multilateral já não nos serve. E na realidade já não serve.

É preciso atualizar o sistema saído dos acordos de Bretton Woods?

É um sistema frágil que mostra dificuldades para resolver os problemas. ■

“A China, com poder centralizado, organizado, mostrou maior eficácia e rapidez de resposta.”

“Não é que a China não possa ser contida, que o seu crescimento seja inexorável.”